

MORTO VIVO



cristian dos santos
augusto figliaggi

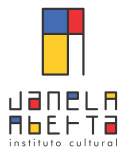




cristian dos santos
augusto figliaggi

MORTO VIVO

1ª Edição



São Carlos
Associação Instituto Cultural Janela Aberta
2015

MORTO VIVO

Texto: Cristian dos Santos

Ilustração: Augusto Figliaggi

Ideia: Cristian dos Santos, Elaine Guarani e Augusto Figliaggi

Produção executiva e coordenação: Elaine Guarani

Diagramação: Augusto Figliaggi

Revisão: Doris Rodrigues, Cristian dos Santos e Elaine Guarani

Impressão: Lura Editorial

Editora: Janela Aberta

Realizado através do projeto proposto pela Cia Arte Negus «Financiamento dos Amigos», mais informações em www.artenegus.com.br e www.janelaaberta.art.br, clique e descubra as boas pessoas que tornaram essa obra possível.

1ª EDIÇÃO - Impresso no outono de 2015

S2373

Santos, Cristian

Morto Vivo / por Cristian dos Santos e Augusto Figliaggi; ilustrador: Augusto Figliaggi. - São Carlos: Associação Instituto Cultural Janela Aberta, 2015.

48p., 20x20cm

ISBN: 978-85-64728-06-6

1. Literatura infantojuvenil - conto I. Título

CDD - 028.5

CDU - 82-9



A minha filha Maëlys, que me ensinou a ser criança novamente.

Cristian Cobra

Para Lucas, nosso peralta menino muito vivo.

Augusto e Elaine



Era uma vez um guri muito vivo.



Era uma vez uma caveirinha muito morta.



Este menino mora numa cidade paradisíaca,
pacata e pacífica, chamada **Brilhantina**.

Porém, como ali vivia muita criançada, vez ou outra surgia
uma traquinagem para acabar com a calmaria.

Uma bola quebrava uma vidraça, uma menina
fazia micagem, um garoto puxava o rabo do gato...



Enfim, coisas de criança
levada que ainda
não aprendeu o que é errado.



Esta caveirinha **mora** num cemitério simples, silencioso e sereno, chamado **Escuritumba**.

Porém, como ali viviam muitas caveirinhas, vez ou outra surgia uma traquinagem para acabar **com a calmaria**.

Um osso que era escondido do dono, uma caveirinha que **virava a cara** para a caveiramãe, outra que arrancava o rabo dum caveirogato...

Enfim, coisas de caveirinha levada que ainda não aprendeu o que é errado.



Mas nesse lugar tão encantador
havia um local muito assustador.
Um cemitério horripilante cheio
de monstros assustadores.

Durante o dia um lugar
calmo e tranquilo.

Durante a noite lá ninguém ia.

Diziam que podiam-se ver
esqueletos correndo atrás da
própria cabeça, dando
gargalhadas com bocas sem dentes
e contando suas costelas
magrelentas.



Mas nesse lugar tão divertido havia um local muito assustador.

Em cima da terra era **horripilante** e cheio de **monstros** assustadores. Durante a noite um **lugar calmo** e tranquilo.

Durante o dia lá ninguém ia.

Diziam que podiam-se ver **humanos** trazendo flores fedorentas, soltando água pelos olhos remelentos e movendo suas carnes **molenguentas**.



Acontece que esse menino achava que não tinha medo de nada.
“Só dorme no cemitério a pessoa que já morreu e virou caveira!”

Dizia o papai, o vovô e a vovó.

Mas o menino não deu ouvidos para isso e,
numa noite de lua bem cheia, lá foi ele em busca de aventura.

E acontece que essa caveirinha achava que não tinha medo de nada.

“Só sai debaixo da terra a caveira que já viveu e virou **pessoa!**”

Dizia o caveiropai, o caveirovô e a caveiravó.

Mas a caveirinha não deu buraco de ouvidos
para isso e, numa noite de lua bem cheia,
lá foi ela em busca de aventura.



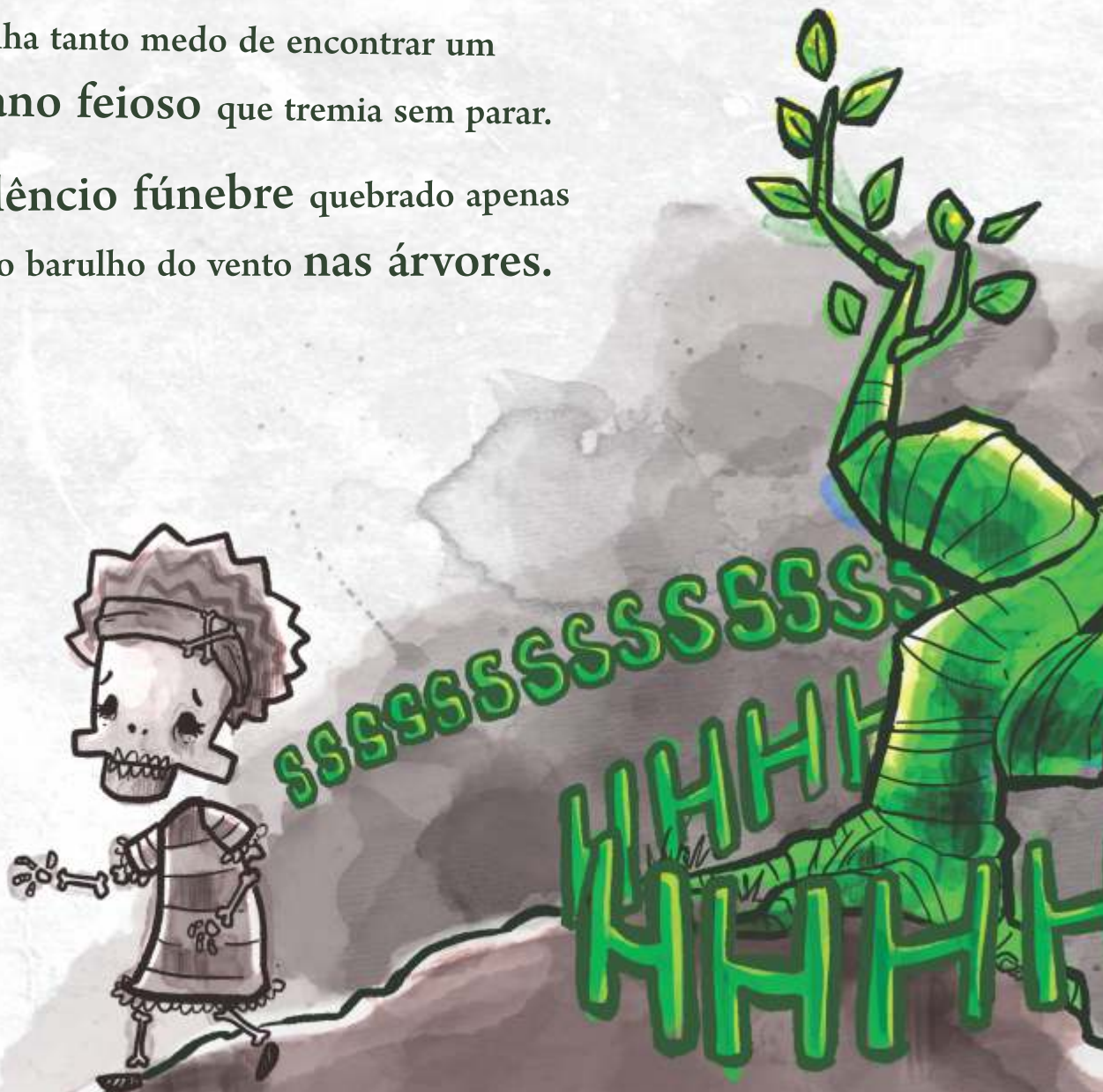




Saindo da tumba fria, a caveirinha
seguiu titubeando entre os túmulos.

Tinha tanto medo de encontrar um
humano feioso que tremia sem parar.

Um silêncio fúnebre quebrado apenas
pelo barulho do vento nas árvores.



Ele logo sentiu calafrios quando avistou
o escuro e silencioso cemitério.

Mesmo com medo pulou o muro
pensando no susto que seria ver,
de repente, uma caveira de
osso e dente frouxo.



Ela andava devagar,
procurando qualquer movimento.

Sua mandíbula
tremia,
tremia,
tremia...





Ele andava **devagar,**
escutando qualquer barulho.

Seu coração
batia,
batia,
batia...



Acontece que no meio do **cemitério** havia
uma **cova aberta** esperando algum caixão.

Mas quem acabou caindo ali foi a
caveirinha num momento de distração.

E coincidência ou não, antes que a
caveirinha se montasse inteirinha,
caiu ali também **O menino**
estatelado.



Foi então que **ela** de repente viu **ele** e **ele** de repente viu **ela**.

Caveira e menino frente a frente.

Nariz com buraco de nariz, olho com buraco de olho.

Foi um tremendo susto!

Ele deu o maior grito da sua vida
e **ela** deu o maior grito da sua **morte**!



Cada um correu para um lado e tentou
escalar as paredes da funda cova.
Sem sucesso, olharam para trás e
quando se viram de novo foi mais
uma gritaria espalhafatosa.
Tentavam se esconder sem ter onde.



Porém, muito tempo depois do desespero,
resolveram se encarar.





VOCÊ NÃO VAI ME DEVORAR?

CLARO QUE NÃO, EU JAMAIS
COLOCARIA MEUS DENTES
PODRES NESSAS CARNES
MOLENGAS.

MOLENGAS?!
PELO MENOS NÃO SÃO COMO
ESSES SEUS OSSOS SUJOS.

SUJOS SIM, COM MUITO
ORGULHO E POEIRA.
MAS PELO MENOS EU NÃO
TENHO UM NARIZ PONTUDO
COMO A PÁ DO COVEIRO!

NÃO FALE DO MEU NARIZ,
QUANDO SEUS OLHOS SÃO APENAS
BURACOS ESCUROS.

GORDUCHO!

MAGRICELA!

NARIGUDO!

SEM OLHO!

O medo virou birra.

Um mostrava a língua, a outra **fazia** caretas.



Então **os dois** se cansaram de pirraça e começaram a tentar sair daquela cova cada um a sua maneira.

Acontece que o buraco era muito fundo e não havia nada por onde subir.



Tentaram e tentaram muitas vezes e só
conseguiram machucar as mãos e sujar **cabeça e crânio.**





TIVE UMA IDEIA!
VOCÊ PODE SUBIR
NA MINHA CABEÇA.



Então o menino subiu na cabeça da caveirinha.

Ainda não dava pra alcançar a borda da cova, mas conseguiu agarrar um galho da grande árvore que o vento balançava.

Subiu na árvore
sem se esquecer ...



...de puxar
a caveirinha.



Sentados nos galhos da árvore, veio aquele alívio
que dá depois que a gente se mete em confusão.

Então o sol começou a nascer e seus raios
atravessaram a enorme folhagem.

O céu cinza se tornava azulado
e mais um dia começava.



Diante de paisagem tão bela,
menino e caveira se pegaram numa reflexão.



ME DESCULPE, NÃO QUIS LHE OFENDER.
NA VERDADE É BEM LEGAL VER OS RAIOS
DE SOL PASSANDO ENTRE SUAS COSTELAS.

ME DESCULPE TAMBÉM, OLHANDO BEM, ACHO MUITO
FOFINHAS AS SUAS BOCHECHINHAS.

E EU QUERIA MUITO PODER
ME DESMONTAR INTEIRINHO.

E DEVE SER MUITO BOM TER CARNES
PARA NÃO MACHUCAR QUANDO CAIMOS.

E aquele sol brilhante também lembrou-os
de correr para casa.

No caminho de casa sentiam vontade
de conhecer melhor um o mundo do outro.

Era o diferente, que não precisava ser nem
melhor nem pior, que causava aquela curiosidade.





Brincadeiras para brincar e
ideias para trocar.

Cada um era um mundo, diferente,
mas pronto para ter um
pouquinho do outro.



Cada mundo com suas experiências e
histórias, e de cada história,
alguma coisa **para aprender.**



E, no fundo, todo “Era uma vez”,
tem os diferentes e também iguais.

Era uma vez um príncipe muito rico...

Era uma vez um plebeu, bastante pobre...

Era uma vez um coelho muito veloz...

Era uma vez uma tartaruga bastante lenta...

Era uma vez uma girafa muito alta...

Era uma vez um porco bastante baixo...

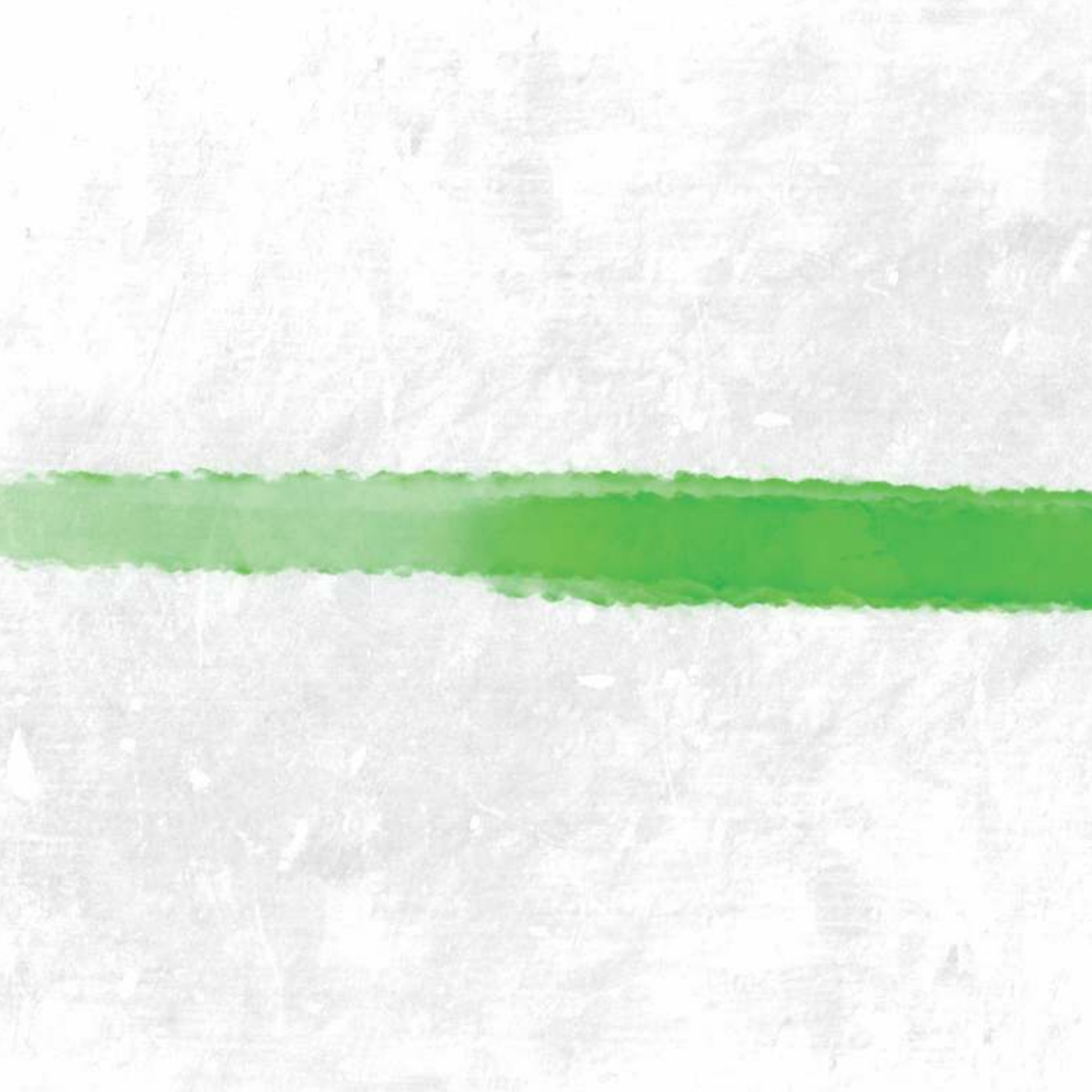
Era uma vez um tucano sem barba...

Era uma vez uma vez um sapo barbudo...

Era uma vez eu...

Era uma vez você...





Cristian “Cobra” dos Santos

Cristian Cobra nasceu na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo, há muito tempo, no ano de 1983. Era um garoto que não era bom no futebol nem em outros esportes, por isso preferia jogar videogame, assistir Jaspion e brincar com as ferramentas do seu avô. Quando ainda era menino descobriu a biblioteca de sua cidade. Começou a ler livros infantis e nunca mais parou... Quando adolescente fez amizade com Augusto Figliaggi no colegial. Começou a ler Histórias em Quadrinhos e nunca mais parou... Quando cresceu entrou na universidade de sua cidade. Começou a fazer o curso de Letras, fez mestrado em Linguística, continuou pesquisando e estudando e nunca mais parou... Publicou seu primeiro livro, ‘Guerras Contidas’, de poemas, em 2007. Depois publicou seu segundo livro em 2013, ‘Tempestade Me Lembra Você’. Agora, este livro aqui, é sua terceira publicação, mas também ajudou vários outros autores a publicarem seus livros e histórias durante esses anos todos. Ah, e ele também ajuda a cuidar de um espaço de artes super bacana, o Instituto Cultural Janela Aberta, não deixe de conhecê-lo quando você passar por São Carlos.



co-autor e ilustrador

Augusto Figliaggi “Cabeça”

Augusto nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, é ilustrador, ator, contador de histórias e palhaço. Já ilustrou alguns livros e histórias em quadrinhos diferentes, como por exemplo o ‘Paiaгуá - Donos do Rio’. Desenha desde criancinha, época em que, além de desenhar, aprendeu alguns gostosos causos com seu avô, sua mãe e seu irmão. Gosta de histórias de assombração, por isso se enveredou na história desse livro. Conheceu Cristian aos treze anos de idade, são grandes amigos e vez ou outra trabalham juntos. Já com a Elaine, ele costuma trabalhar sempre, pois é sua companheira de arte, de vida e de grupo, juntos eles formam o Arte Negus, grupo artístico que faz várias coisas. Os dois, Augusto e Elaine, fazem tudo juntos, desde ilustrar, criar histórias, apresentar espetáculos, tomar sorvete e cuidar do pequeno Lucas, filho peralta do casal. Adora conversar, fala mais que o homem da cobra e tem dificuldade de dormir em aviões, devido ao peso de sua cabeça. Formou-se em Artes Visuais e pretende desenhar o resto da vida; quem sabe um dia ilustre os causos que eram contados pelo seu avô.



co-autora e produtora

Elaine Guarani “Magreta”

Elaine nasceu na quente cidade chamada Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Desde muito cedo mostrava talento para diferentes áreas; tendo sido inclusive esportista, jogando basquete e nadando por muitos anos. Talvez por isso, por mexer tanto com o corpo, tornou-se malabarista. Foi nessa época que conheceu Augusto. Os dois formaram um grupo que pesquisa diferentes tipos de arte, chamado Arte Negus. Nesse grupo ela é palhaça, contadora de histórias, produtora cultural e historiadora. Atualmente dedica-se aos projetos do Arte Negus, fazendo diferente coisas malucas - desde artes cênicas, literatura e artes visuais. É uma das roteiristas de ‘Paiaguá: Donos do Rio’ e pesquisadora histórica nas publicações ‘SESC Arsenal – Uma Viagem no Tempo’ e ‘Guia Siminino de Tchapá e Cruz’. Formou-se em História, tendo realizado mestrado na UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), com o trabalho ‘O Riso entre os Jê – Figuras Cômico-Ritualísticas em Sociedades Indígenas’. É fã de desenhos animados, adora comida mexicana e pretende sempre brincar com o filho Lucas e, se possível, comprar um cachorrinho.





Agradecimento especial

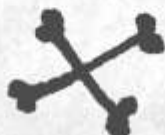
Financiamento dos amigos

Boa parte desta edição foi financiada por um processo colaborativo, onde amigos, colegas e conhecidos compraram ‘cotas’ que dava direito a recompensas exclusivas. Com o valor dessas ‘cotas’, demos início ao processo de desenvolvimento dessa obra. Funcionou quase como um cofrinho, onde cada contribuição foi importante para podermos diagramar e imprimir esse livro.

A esses amados seres seremos imensamente gratos. Há uma lista disponível com o nome de nossos colaboradores em nossos sites:

www.artenegus.com.br

www.janelaaberta.art.br



Este livro foi composto com a tipologia Adobe Naskh e
impresso em papel couchê 115 g/m² pela Lura Editorial
em maio de 2015.







